



Editorial

A idéia de homenagearmos Paulo Martins Machado foi muito anterior a qualquer conhecimento sobre a doença que lamentavelmente levou a seu falecimento. Tínhamos a intenção de homenageá-lo como um dos didatas mais antigos de nossa Sociedade, professor de todos que compomos a Comissão de Redação da *Revista*, exemplo de seriedade, integridade pessoal e profissional. Pedimos ao Paulo que escrevesse uma “atualização” de seu trabalho para membro efetivo da Sociedade – um tema que lhe era caro, a Reparação – e propusemos que essas “novas idéias” fossem comentadas por dois colegas de outras Sociedades, com vistas a enriquecê-lo com o debate. Paulo prontamente acolheu a idéia e disse-nos que, de fato, tinha muitas “novas idéias” que gostaria de divulgar. Entregou-nos rapidamente a primeira versão de seu artigo, como quem de fato já viesse trabalhando sobre o que escrevera.

Chegamos a enviar o material para os colegas que fariam os comentários. Mas, nas longas idas e vindas que um material percorre antes de ser publicado, fomos literalmente surpreendidos pela notícia da sua morte. Decidimos, então, modificar nossa idéia inicial, não publicar os comentários e dedicarmos este número ao Paulo. Todavia novamente fomos surpreendidos, desta vez favoravelmente, com a notícia de que ele havia nos enviado um outro trabalho: “Do Rei Édipo a Antígone: a evolução dos valores humanos”, escrito logo depois que soubera de sua doença. Portanto, estamos publicando os dois textos em sua primeira versão, ou seja, ambos não revisados na forma definitiva pelo Paulo. Algumas idéias apresentam-se inconclusas e outras, talvez, precisassem de uma formulação melhor. Não houve tempo para isso.

Paulo Machado foi um dos criadores desta *Revista*. Foi o idealizador e Editor dos “Arquivos da SPPA”, que precederam esta publicação, e desde seu início fez parte do Conselho Consultivo. Sempre muito ativo dentro de nossa Sociedade, nela desempenhou todas as funções técnicas e administrativas. Algo de sua participação e de sua pessoa estão expressos por Luiz Carlos Mabilde em “Lembranças sobre Paulo Martins Machado”, que precedem este Editorial, e por Paulo Fonseca na “Palavra do Presidente”. Este número-homenagem representa, pois, nossa tentativa de elaboração de uma perda dolorosa para todos, do professor, do colega, do amigo, do modelo que representava.

Mas outros textos, ainda, compõem este número. Assim, temos um excelente artigo de um dos grupos de estudo em andamento na SPPA coordenado pelo colega Juarez Guedes Cruz, intitulado “Alguns comentários sobre a teoria e a técnica da psicanálise a partir da vida e da obra de Miguel de Cervantes”, que trata, de forma





José Carlos Calich

absorvente, da relação entre a escuta psicanalítica, a narrativa e a literatura, a criatividade e o pensamento onírico.

O trabalho “Que inconsciente?”, de Antonio Imbasciati, comparece republicado em uma nova versão, uma vez que a anterior (vol. VII, nº. 1, abril de 2000) teve problemas na revisão da tradução. A presente versão contou com o auxílio de uma tradução feita pela colega Sônia Langlands, do Rio de Janeiro, a quem agradecemos a gentileza e disponibilidade. As duas versões foram integradas e novamente revisadas pelo colega Ruggero Levy.

A parte 3 da Seção “Bion Comentado”, traz, desta feita, uma conferência inédita em português e, em inglês, divulgada na *Internet*, no *site* da Sociedade Britânica, ainda não publicada em livros ou revistas. Essa conferência, Wilfred Bion a proferiu como parte de um seminário realizado em Paris no dia 10 de julho de 1978, tendo sido indicada pelo colega Arnaldo Chuster, de nossa Comissão Editorial, para que a publicássemos. É ele quem escreve, nessa seção, os comentários sobre a conferência. A Sra. Francesca Bion, gentilmente autorizou-nos e estimulou a publicação. Nossos agradecimentos a ambos.

O material clínico enviado por Margaret Rustin, de Londres, é rico e detalhado, permitindo a discussão de temas polêmicos como identidade, adoção e integração racial, além das questões técnicas do atendimento psicanalítico desses pacientes. Essas questões são abordadas com propriedade pela colega Marlene S. Araújo em um instigante comentário que se segue à apresentação do caso.

Na Seção “Cinema e Psicanálise”, Paulo Fonseca nos apresenta um aprofundado e culto ensaio sobre psicanálise e psicanalistas no cinema americano.

Finalizamos com uma entrevista agradável, interessante e incitante, daquele que é um dos poucos membros da IPA, na América do Sul, com uma sólida formação lacaniana e que consegue com facilidade didática e profundidade comparar aspectos dessa teoria com as de outros autores psicanalíticos mais conhecidos em nossas formações.

Nossos agradecimentos ao colega Paulo Oscar Teitelbaum pela colaboração nos ensaios fotográficos que antecederam a confecção da capa deste volume.

Boa leitura a todos.

José Carlos Calich
Editor

